

## EMMUEL SWEDENBORG - Biografia

Nasceu em Estocolmo, a 29 de janeiro de 1688. Em 1692 (o jovem Emanuel estava com quatro anos), seus pais se mudaram para Uppsala, onde Jesper foi nomeado professor de Teologia e Reitor da grande Universidade de Uppsala. Aos 8 anos de idade, o menino perde a mãe, Sarah. Jesper se casa novamente com outra Sara (Sara Bergia) e esta foi madrasta muito bondosa para com os enteados, incluindo o menino Emanuel. Ela era, também, muito rica, deixando para ele uma grande fortuna, especialmente sociedades em indústrias de mineração.

Além disso, tudo o que se sabe sobre a infância de Swedenborg provém de uma carta que escreveu, em 1769, a seu amigo, Dr. Beyer, professor de grego na Universidade de Gotemburgo. Na carta diz: "Dos quatro aos dez anos eu estava constantemente meditando sobre Deus, a salvação e as experiências espirituais do homem; às vezes fazia revelações que levavam meus pais a dizer que os anjos estavam falando através de mim. Dos seis aos doze anos eu tinha muito prazer em conversar com clérigos sobre fé, afirmando-lhes que o que dá vida à fé é o amor e que o amor que é a fonte da vida é o amor ao próximo; dizia-lhes também que Deus deu a fé para todos, mas só aqueles que praticam o amor são merecedores dela. Naquele tempo eu só sabia que Deus era o Criador e Preservador da Natureza e que Ele deu ao homem compreensão e boa disposição e algumas outras coisas do gênero. Eu não sabia nada sobre aquela fé cultivada que nos ensina que Deus, o Pai, transmite as virtudes de Seu Filho a quem quer que seja e, a qualquer tempo que Ele escolha, até mesmo àqueles que ainda não se arrependeram e não reabilitaram suas vidas. E se isso me tivesse sido revelado, naquela época como agora, tudo estaria muito acima de minha compreensão".

### Eric Benzelius

Em 1699, aos onze anos de idade, Emanuel foi matriculado na Universidade, onde estudou durante dez anos. Todas as matérias vistas hoje num curso básico e pré-universitário eram dados, naquela época, num único *curriculum* que enfatizava matemática e ciências naturais, numa mesclagem com grego, teologia, direito e outras matérias.

Quando Emanuel tinha 15 anos, em 1703, o rei Carlos XII nomeou Jesper Swedberg para a posição de Bispo de Skara (o que incluía ser o Bispo para as igrejas suecas que havia nas colônias britânicas da América). O pai mudou-se para Skara, mas Emanuel ficou em Uppsala, para continuar seus estudos, agora na Universidade. Ficou, então, morando com a irmã mais velha, que havia se casado com Dr. Eric Benzelius (1675-1743). Esse homem tinha sido Bibliotecário e professor da Universidade de Uppsala. Ele veio a ser tutor e grande amigo do jovem Emanuel, que o tinha como pai. Benzelius veio a se tornar um dos homens mais cultos da Europa e arcebispo da Igreja Luterana na Suécia.

Naquela época, em Uppsala, todo o corpo acadêmico estava envolvido na argumentação quanto à liberdade de pensamento, conforme havia sido pregado pelo filósofo Descartes, quando ele ensinou ali, pouco antes de sua morte. A resistência às idéias de Descartes era para que se mantivesse o antigo sistema, de se ensinar somente o que tivesse a aprovação da igreja. Nesses debates, Benzelius era cartesiano e Jesper era porta-voz da posição conservadora. Emanuel, durante muito tempo em sua vida, sentiu-se atormentado pelo conflito entre o cartesianismo defendido por seu "segundo pai" e a obediência devida à fé, defendida pelo bispo Swedberg.

Emanuel completa seu curso na Universidade em 1709. Um historiador classificou a sua dissertação final de formatura, elaborada com a orientação de seus superiores, como "um trabalho muito inteligente para um jovem".

Depois de deixar a universidade, publicou alguns de seus poemas em latim, que, segundo o conselheiro Sandels, mostravam "formidável sagacidade e que havia feito bom uso de sua juventude". Swedenborg continuou nessa atividade por alguns anos, e chegou a ser considerado poeta entre seus familiares.

## **Swedenborg, em 1707 (19 anos)**

Livre dos tutores, aulas e livros escolares, Swedenborg se refugia em Brunsbo, na residência episcopal perto de Skara, e começa a elaborar os planos para uma longa viagem ao estrangeiro. A maior dificuldade parece ter sido arranjar os recursos para a viagem; seu pai era um homem de poucas posses, muitos compromissos e não muito longe da penúria. Em carta datada de 13 de julho de 1709, Swedenborg pede a seu cunhado, Benzelius, assistência para seu projeto de viagem. Também solicita sua recomendação para uma faculdade inglesa, onde pudesse aperfeiçoar seus conhecimentos de matemática, física e história natural. Propunha-se a preparar um resumo das principais descobertas ocorridas no campo da matemática ao longo dos séculos e acrescentar-lhes tudo o que pudesse descobrir no curso de suas viagens.

### **Praticidade e obstinação**

O raciocínio de Swedenborg era sempre prático, seja como cientista, seja como teólogo; não entendia como alguém podia contentar-se apenas com a teoria. Certa época, por exemplo, seu cunhado, Benzelius, estava lutando para instalar um observatório em Uppsala, com o apoio entusiasmado de Swedenborg. Outras pessoas, porém, não mostravam o mesmo entusiasmo pelo projeto. Sobre isso, Swedenborg então escreveu: "Admira-me a atitude de seus amigos matemáticos, que não demonstram vontade de colaborar na construção de um observatório astronômico. É uma fatalidade que matemáticos permaneçam sempre na teoria. Sempre pensei que o mundo sairia ganhando se a cada dez matemáticos se juntasse um homem prático que lhes mostrasse a realidade. Nesse caso, esse homem seria mais conhecido e útil que todos os outros juntos".

### **Integridade**

Swedenborg e o Assessor Christopher Polhem foram sempre muito amigos. Suas relações eram tão boas, que, por recomendação do rei Carlos XII, Polhem prometeu ao jovem Swedenborg a mão de sua filha mais velha. Numa de suas cartas ao cunhado Benzelius, Swedenborg dá a entender que chegou a ficar noivo dela; mas ela veio a se casar com outro. Ela, porém, tinha uma irmã mais nova, por quem o jovem Swedenborg se afeiçoou e que, mais tarde, lhe foi formalmente prometida por Polhem. A moça, ao que parece, nunca fora consultada, tendo sido tudo arranjado à sua revelia; parece, entretanto, que ela não gostava do noivo. Ao se dar conta disso, Swedenborg prontamente renunciou à promessa, demonstrando seu alto espírito de honradez e sensibilidade.

O livro de Memórias, de Robsahm, registra que, quando conheceu Swedenborg, Emerentia (este era o nome da jovem) tinha treze para quatorze anos, e, portanto não podia ser obrigada a noivar. Diante disso, seu pai, que gostava de Swedenborg, deu-lhe uma escritura pela qual lhe outorgava o direito de esposá-la em data futura. Era sua esperança que, com a idade, ela viesse a aceitar o noivo designado. A noiva foi obrigada a assinar a escritura. No entanto, como ela se queixasse desse penhor quase todos os dias, seu irmão, Chamberlain Gabriel Polhem, aborreceu-se tanto com o negócio que resolveu furtar a escritura de Swedenborg. Este, que se comprazia com a esperança do casamento, sentiu imensamente o choque. Sua dor foi tão flagrante que o pai da noiva insistiu em saber o motivo. E imediatamente ofereceu usar sua autoridade para fazer restabelecer a escritura. Mas, ao ver o sofrimento da moça, Swedenborg decidiu renunciar à promessa.

### **Humildade após o orgulho**

Quando era jovem, o orgulho intelectual parece ter sido uma de suas faltas mais flagrantes. Mais tarde, porém, quando começou o período de pesquisas filosóficas e psicológicas, já apresentava uma mudança que viria a ser notável no fim de sua vida, pois, por aquela época, escreveu: "Vi uma livraria e, imediatamente me veio a idéia de que minha obra teria maior repercussão do que a de outros; entretanto, logo me dei conta de meu erro. Porque um serve ao outro, e o Senhor tem muitos modos de preparar um homem, de sorte que todo e qualquer livro deve ter seus próprios méritos, como meio próximo ou remoto, de acordo com a condição racional de cada homem. Contudo, a arrogância se faz sempre presente em nós. Que Deus a controle, pois Ele tem esse poder em Suas mãos!"

Em seu Diário, noite do dia 7 para o dia 8 de abril de 1743, escreve: "Descobri que eu era menos merecedor do que os outros e o maior dos pecadores; por esse motivo, nosso Senhor permitiu que meu pensamento penetrasse em certas coisas mais profundamente do que os outros; descobri, também, que a fonte desses pecados está nos pensamentos que trago dentro de mim; assim, descobri que meus pecados têm uma origem muito mais profunda que a dos outros; e, portanto, descobri minha inutilidade e que meus pecados eram maiores do que os dos outros homens". Da noite do dia 8 para o dia 9 de abril, lemos: "Roguei a misericórdia de Cristo para tanto orgulho e arrogância de que tanto me lisonjeava". E no registro da noite do dia 13 para o dia 14 de abril, confessa: "Estou sempre inclinado a me gabar por meu trabalho".

Alguns meses depois (na noite de 6 para 7 de outubro) escreveu: "...Depois, refleti sobre esses pensamentos e recebi a instrução de que o amor por qualquer objeto, como, por exemplo, pelo trabalho com que atualmente me ocupo, sempre que esse objeto for amado por si só e não como um veículo do único amor, o amor a Deus e a Jesus Cristo, é um amor espúrio".

Em outra ocasião, Swedenborg estava assistindo a uma conferência no Colégio Real de Medicina de Londres, quando, "levado pelo impulso", diz, "cometi a leviandade de pensar que meu nome deveria estar entre os dos eminentes anatomistas citados; porém, fiquei satisfeito ao verificar que isso não aconteceu".

A vaidade intelectual não era a única forma de tentação a que Swedenborg estava sujeito. As profundezas de sua alma estavam tão assediadas por esses pensamentos, que se sentia "em contínuo estado pecaminoso". No registro da noite de 11 para 12 de abril, escreve: "Notei, em minhas reflexões, que todos os meus pensamentos, mesmo os que consideramos puros, continham uma boa dose de pecado e impurezas... o mesmo acontecia com todos os desejos que fluíam do corpo para a mente; esses emanavam de raízes muito profundas. Embora um pensamento possa parecer puro, é fato que uma pessoa pode pensar de determinada maneira levada por timidez, hipocrisia e muitas outras causas, como podemos determinar através da exploração de seus pensamentos; sob esse aspecto, o homem é incapaz de se livrar do pecado, pois não há um só pensamento que não esteja ligado com a sujeira e a impureza. Com efeito, já observei que nossa vontade integral, na qual nascemos e que é governada pelo corpo e introduz pensamentos, é antagônica ao espírito; portanto, estamos mortos para o bem e sempre propensos a praticar o mal".

### **Afabilidade**

Seria impossível imaginar um homem mais simples e menos mundano que Swedenborg. Embora fosse de muitas posses, não as gastava consigo mesmo, e se contentava com as coisas mais básicas da vida. Confiava tanto nas pessoas, que mandava seu senhorio apanhar numa gaveta o dinheiro de que precisasse. Em sua morte, não deixou testamento e tinha poucas posses.

Nos últimos anos de vida costumava viajar sozinho. Disse a seu amigo Cuno que não precisava de companheiro, porque seu anjo sempre o acompanhava. Onde quer que fosse, Swedenborg era muito querido e as pessoas achavam que ele lhes trazia boa sorte. Até os capitães de navio diziam que as viagens transcorriam sempre melhor quando ele estava a bordo. Um comandante chegou a declarar: "Se Swedenborg quiser, terá sempre passagem grátis comigo, porque em toda minha experiência no mar, nunca velejei melhor". O Sr. Shearsmith, com quem Swedenborg se hospedava em Londres, observou que "todas as coisas prosperavam em sua vida enquanto Swedenborg estava morando em sua casa". E a esposa, Sra. Shearsmith, disse ao Sr. Peckitt, que "Swedenborg era uma bênção em sua casa, pois eles tinham harmonia e bons negócios enquanto estava com eles".

### **Labor diligente**

O abade Pernety diz que Swedenborg "era um ser infatigável que trabalhava dia e noite". E Cuno escreveu, assim, sobre o nosso biografado: "Ele trabalha com disposição impressionante e sobre-humana na elaboração de seu novo livro. Dezesseis laudas, em tipo menor do que o usado em seus últimos livros, já foram consumidas. É, realmente, fantástico, se considerarmos que cada lauda impressa corresponde a quatro manuscritas. Mantém uma média de duas laudas impressas por semana... E ele mesmo faz as revisões e correções". Cuno fez esse depoimento, a 26 de janeiro de 1771, quando Swedenborg estava às vésperas de completar seu octogésimo terceiro ano de vida! O

conselheiro Sandels comentou, a este respeito, o seguinte: "Não posso deixar de admirar essa sua obstinação pelo trabalho". E, quando lembramos que, além dos quase trinta volumes e muitas obras menores que deixou impressos, há uma grande quantidade de manuscritos, talvez mais do que as obras que publicou, ficamos impressionados também e podemos bem entender a observação de seu cunhado, Bispo Benzelius: "Ele foi muito parcimonioso com seu tempo".

### **Sobriedade**

Também temos muitos relatos sobre os hábitos pessoais de Swedenborg. Alimentava-se e bebia com moderação, raramente comia carne, e nunca tomava mais de dois ou três cálices de vinho e, assim mesmo, em reuniões sociais. O Sr. Shearsmith observa: "Sua dieta excluía quase que inteiramente a carne; pela manhã só tomava leite e café, fazendo o mesmo à tarde com acompanhamento de bolos, e não jantava. Gostava de muito açúcar no café e no leite, bem como bolos açucarados, dizendo que o açúcar o nutria. Sua moderação com a bebida era tanta que nunca bebia cerveja ou vinho, ou outra bebida alcoólica, enquanto estava em minha casa. Levantava-se, geralmente, às cinco ou seis horas da manhã e ficava estudando ou escrevendo até às oito, quando tomava meio litro de leite; em seguida, se não saísse, continuava escrevendo ou lendo até às 3 ou 4 da tarde, quando bebia outro meio litro de leite ou tomava grande quantidade de café; freqüentemente, ia se deitar às 6 ou 7 da noite, sem nunca jantar". "Quando não tinha convite para comer fora", diz Robsahm, "seu almoço consistia somente de biscoitos embebidos no leite".

### **Aparência e traços pessoais**

Cuno disse que a pintura gravada por Bernigroth, "é a imagem perfeita de Swedenborg, particularmente os olhos, que permaneceram vivos, mesmo na velhice". Os olhos eram, indiscutivelmente, seu traço fisionômico mais marcante. Seu olhar tinha um forte magnetismo, como descreve a mesma testemunha: "Notei várias vezes como indivíduos sarcásticos, que tinham vindo às reuniões aonde eu o tinha levado, e cujo propósito era caçoar do velho Senhor, esquecerem-se da galhofa e de toda a sua zombaria, e pararem, estáticos, para ouvir as coisas singulares que falava sobre o mundo espiritual, como uma criança de coração aberto, sem reservas e com plena confiança. Era como se seus olhos tivessem o poder de impor silêncio nos ouvintes".

Quando se despediu de Cuno pela derradeira vez, em 1769, a conversa girou sobre a possibilidade de os dois amigos nunca mais se encontrarem. E Swedenborg falou com entusiasmo sobre a grande mudança que, sabia, estava para lhe acontecer. "E enquanto falava", disse Cuno, "tinha o olhar tão alegre e inocente, como eu nunca tinha visto antes. E não o interrompi". Outros testemunhos falam de sua aparência seráfica e da serenidade de seu semblante. O Reverendo Thomas Hartley, em carta ao Reverendo John Clowes, comenta: "Seu semblante tranqüilo e complacente transmite imensa paz interior". E, quando estava em contato com o mundo espiritual seu semblante resplandecia radioso, magnetizando os circunstantes. Porém, sua fisionomia era, ordinariamente, plácida e complacente.

A maioria de seus contemporâneos descreve Swedenborg como de estatura alta, embora, talvez, fosse de altura mediana. Alguns, entretanto, o descrevem como sendo de baixa estatura. O Sr. Theodore Compton, aos noventa e um anos de idade, escreveu a seguinte nota sobre Swedenborg: "Um velho diretor de escola primária, a quem conheci quando criança, certa vez me contou que costumava ver Swedenborg em Clerkewell: um homenzinho, amigo das crianças, distribuindo balas de gengibre às que encontrava pela rua".

Sobre sua velhice, o Sr. Shearsmith, seu senhorio, escreveu: "Antigamente, deve ter sido um homem corpulento, mas a vida sedentária e intensa dedicação aos estudos deu-lhe uma compleição franzina e pálida nos últimos anos de vida". O Reverendo Nicholas Collin, reitor da Igreja Sueca de Filadélfia, que visitou Swedenborg em 1766, descreve assim sua aparência física: "Sendo muito idoso quando o vi, era magro e de tez pálida, mas conservava ainda algo de agradável em feição e de dignidade em seu porte ereto". Carl C. Gjorwell, bibliotecário da Biblioteca Real de Estocolmo, que esteve com Swedenborg em 1764, descreve assim sua compleição física: "Apesar de ser um homem idoso e de cabelos grisalhos, seus passos são firmes e ágeis, gosta de conversar e fala com jovialidade. Sua tez pálida e compleição magra mas é sorridente e cheio de alegria".

Essa agilidade de Swedenborg, em plena idade propecta, impressionava a todos que com ele conviviam. Cuno escreveu: "A respeito da aparência externa do Sr. Swedenborg, ele é, levando em conta sua idade, de saúde admiravelmente perfeita. É de estatura mediana e, embora seja vinte anos mais velho que eu, não teria coragem de desafiá-lo para uma corrida, pois é tão ligeiro nas pernas como um jovem". E ligeiro era também nas decisões. Na primeira vez em que foi convidado para jantar em Knauw, Cuno, que lhe levou o convite pessoalmente, disse: "O velho cavalheiro aceitou e já estava preparado para ir".

"E, na última vez em que o vi, em casa do Sr. Odon, disse-me que em sua boca estava surgindo uma nova dentição. E quem já ouviu falar da nova dentição num homem de oitenta e cinco anos de idade?"

Durante sua última viagem ao exterior, em 1770, o navio de Swedenborg ficou retido em Elsinore, devido aos ventos contrários. Lá residia um de seus primeiros discípulos, o general Christian Tuxen. Este foi a bordo do navio oferecer a Swedenborg a hospitalidade de sua casa e o encontrou meio indisposto. Porém, assim que o general acabou de fazer o convite, Swedenborg imediatamente aceitou, "levantou-se, meteu-se no traje costumeiro e aprontou-se com a agilidade de um jovem de vinte anos".

Seu traje usual para visitas era um terno de veludo preto, de corte tradicional, polainas, espada e uma bengala dourada. Um de seus biógrafos suecos diz que, "seguindo o costume da época, usava uma peruca não muito longa. Sua indumentária incluía, ainda, um sobretudo de veludo azul-acinzentado, e meias longas e sapatos de fivela de ouro". Outro testemunho diz: "Seu traje de inverno incluía um belo sobretudo de pele de renas e, no verão, um terno formal; ambos pareciam bastante surrados, como cabe a um filósofo. Suas roupas eram modestas. Às vezes saía com um pé de sapato trocado ou uma camisa que não combinava com o resto da indumentária. Certa ocasião, Swedenborg compareceu a um jantar na casa do meu pai, usando em um dos sapatos fivela de prata e no outro uma fivela cravejada adornada com pedras preciosas, fato que provocou grande divertimento às meninas presentes, que aproveitaram a ocasião para caçoar do idoso cavalheiro".

### **Cortesia com as mulheres e polidez**

Embora nunca tenha se casado, Swedenborg não era indiferente ao sexo oposto, como afirma seu amigo Sandels, "pois apreciava a companhia de uma mulher inteligente e fina como uma das fontes mais puras de deleite. Todavia, seus profundos estudos exigiam que houvesse em sua casa perfeito silêncio de dia e de noite. Por isso, preferiu permanecer só".

Cuno conta que, certa vez, Swedenborg conversava, ladeado por algumas senhoras. "Suas maneiras eram extremamente refinadas e galantes. Quando anunciaram que o jantar estava servido, ofereci o braço à anfitriã e imediatamente nosso jovem de oitenta e um pôs suas luvas e deu o braço à Mademoiselle Hoog, parecendo estar muito à vontade. Nosso idoso cavalheiro se sentou entre Madame Konauw e a mais velha das senhoritas Hoog, sendo ambas muito hábeis na conversação... Parecia desfrutar muito o prazer de ser tão atenciosamente servido pelas senhoras".

Cuno observou que "o Sr. Swedenborg transita com desenvoltura em toda parte, e sabe como lidar tão bem com os superiores quanto com os inferiores". "Ele não era apenas um homem erudito" diz Robsham, "mas era também um polido cavalheiro, pois um homem de tamanha erudição, que, por seus livros, suas viagens e seu conhecimento de línguas, adquiriu distinção tanto em casa quanto no exterior, não podia deixar de possuir maneiras adequadas e tudo o mais que, naqueles tempos tidos como sérios, faziam que um homem fosse honorável e aceito numa sociedade. E seu espírito jovial e simpático permaneceu inalterado até na velhice, embora, em certas ocasiões, sua fisionomia adquirisse traços incomuns, somente notados em homens de grande gênio".

### **Ternura com as crianças**

Embora não tivesse crianças ao seu redor em casa, era muito amigo delas. Sendo, ele mesmo, de temperamento jovial e comunicativo, agradava-lhe a companhia dos inocentes e dos jovens. Uma senhora, em cuja casa Swedenborg se hospedava quando viajava a Amsterdam, disse a Cuno: "Meus filhos vão sentir muita falta dele, pois nunca chegava sem doces para eles. Os malandrinhos brincavam tanto com o velho senhor que preferiam a companhia dele à dos próprios pais". Como já

foi dito, costumava levar balas nos bolsos, para distribuir à criançada que encontrava durante suas caminhadas.

O Sr. Hart, da Poppin's Court, na Fleet Street, foi o tipógrafo de Swedenborg durante muitos anos e o recebia freqüentemente em sua casa. "Dava atenção à filhinha de Mr. Hart, que tinha uns três anos quando Swedenborg morreu. "O céu habita conosco quando somos crianças", escreveu Wordsworth; e Swedenborg expressara o mesmo pensamento vários anos antes. Sem dúvida alguma, os contatos de Swedenborg com os anjos lhe davam um espírito de criança. O Sr. Shearsmith referiu-se, assim, a essa particularidade de Swedenborg: "Ele parecia levar uma vida de criança; dava pouco valor ao dinheiro e pagava, sem regatear, o preço que as pessoas pediam pelas coisas que comprava".

Outra interessante história é contada por Anders Fryxel, um historiador sueco: "Minha avó, Sara Greta Askbom, casada com Anders Ekman, Conselheiro comercial e prefeito distrital, nasceu e se criou no bairro de Björngårdsgatan, onde seu pai vivera, não muito longe da casa de Swedenborg, com quem ele tinha relacionamento. Quando tinha apenas quinze ou dezesseis anos de idade, ela freqüentemente pedia ao "tio" Swedenborg que lhe mostrasse um espírito ou um anjo. Depois de muita insistência, Swedenborg afinal acedeu e a levou para um dos aposentos de hóspedes da casa. Lá, colocou-a diante de uma cortina que estava abaixada, e lhe disse: 'Agora verá um anjo'. Então levantou a cortina e a jovem viu sua própria imagem refletida num espelho".

### **Desprendimento e honestidade**

Durante muito tempo, Swedenborg publicou seus trabalhos teológicos anonimamente, não auferindo nenhum benefício com sua venda. Seu editor londrino, John Lewis, estabelecido na Paternoster Row, escreveu a seguinte nota num anúncio do segundo volume da obra Arcanos Celestes: "Quero, de público, testemunhar que esse cavalheiro, com infatigável labor e pesares, gastou um ano inteiro preparando e escrevendo o primeiro volume dos Arcanos Celestes e pagou, pela sua impressão, duzentas libras, tendo adiantado outras duzentas para este segundo volume. E, tendo feito isto, deu ordens expressas para que todo o dinheiro fosse dado à obra de propagação do evangelho. Assim, está muito longe de desejar obter lucro deste seu labor, visto que não receberá de volta nem um níquel das quatrocentas libras que gastou. Por essa razão, a obra chega ao público a um custo extraordinariamente baixo".

De acordo com Cuno, o público nem sempre conseguia comprar as obras por esse custo "extraordinariamente baixo", mas a culpa não era do autor. "Ele tem publicado seus muitos escritos na Inglaterra e neste país (Holanda) às suas expensas somente, e nunca ganhou um centavo com sua venda. Todos esses escritos são impressos em papel caro e, no entanto, ele os dá de graça. Os livreiros a quem os dá para venda cobram por eles o que podem. De fato, vendem-no razoavelmente caro, segundo minha própria experiência, pois tive de pagar quatro florins por uma cópia de seu Apocalipse Revelado. O livreiro mesmo, porém, me disse que o autor nunca pede lhe contas nem a qualquer outro negociante".

Cumprir citar outro incidente relativo aos negócios de publicação, como testemunho da absoluta fidelidade de Swedenborg. Desejou publicar sua obra Verdadeira Religião Cristã em Paris, e submeteu-a à aprovação do Censor de imprensa. A permissão para publicação foi dada, com a condição de que a edição saísse como tendo sido publicada em Londres ou Amsterdam, como era de costume. Todavia, não era assim que Swedenborg agia, e, por isso tomou seu manuscrito e foi publicá-lo em Amsterdam com um editor honesto.

### **Sinceridade**

Sinceridade e franqueza foram qualidades marcantes da personalidade de Swedenborg, como afirmaram muitos que o conheceram. A Sra. Hart, esposa de seu tipógrafo londrino, disse ao Sr. Provo que "Swedenborg era de uma natureza tal que nunca tentou impor suas idéias a ninguém; falava sempre a verdade sobre os assuntos mais insignificantes e nunca usaria de evasivas, ainda que sua vida estivesse em risco". Esse depoimento é corroborado por outros contemporâneos de Swedenborg.

O abade Pernety se expressou assim sobre o nosso biografado: "Swedenborg era muito gentil, mas também franco, e nunca traiu a verdade por temor de homens nem por qualquer outra razão".

Em carta escrita ao General Tuxen, datada de 21 de maio de 1773, o conde Höpken escreve: "O saudoso Swedenborg foi, certamente, um modelo de sinceridade, virtude e piedade, e, ao mesmo tempo, na minha opinião, o homem mais culto deste reino". E, em outra passagem, se refere a Swedenborg como "aquele honesto ancião".

Referindo-se à nomeação de Swedenborg para o Conselho de Mineração, o conselheiro Sandels salientou que, apesar de muito jovem, Swedenborg "já era muito conhecido em seu próprio país e no exterior, por suas aquisições em literatura geral e em ciências, e por sua conduta digna". Sandels referiu-se, ainda, à "sua disposição genuinamente boa" e declarou que "Swedenborg deveria servir de modelo de virtude e de reverência ao Criador, porque nele não havia procedimento dúbio". E continua: "Não se viu nele nenhum sinal de arrogância, grosseria ou intenção de enganar".

### **Testemunho cristão e piedade**

Por alguns anos, Swedenborg raramente ia à igreja, o que provocou severas críticas de seus inimigos e algumas interpelações de amigos mais íntimos. Robsahm explica que "Swedenborg não podia continuar aceitando como verdade pregações tão diferentes de suas revelações. Além disso, já enfrentava graves problemas de saúde". O próprio Swedenborg confidenciou ao Reverendo Ferelius que "já não encontrava paz na igreja, por causa dos anjos que discordavam do que o ministro dizia, especialmente quando o assunto do ministro era as três pessoas da Divindade, o que é o mesmo que três deuses".

Um sabatista comentou com Shearsmith que Swedenborg não podia ser considerado um bom cristão, pois não guardava o "Sabbath". Shearsmith respondeu-lhe que, "para um homem bom como Swedenborg, todos os dias de sua vida eram "sabbath".

Em outra ocasião, um criado e sua esposa, pessoas simples, que trabalhavam para Swedenborg há muitos anos, vieram dizer-lhe que não poderiam mais trabalhar ali, pois o pastor lhes havia dito que Swedenborg não era cristão. Ele respondeu que, tendo trabalhado para ele por tantos anos, se eles se lembrassem de algum dia ele ter praticado algum ato não cristão, estariam livres para partir. O casal ficou.

"Se Swedenborg tivesse vocação para o charlatanismo, certamente teria feito fama e fortuna com a mera exibição de seus extraordinários poderes. Ao invés, porém, de exibir publicamente essas faculdades, raramente se referia a elas e se recusava a afirmar que sua missão estava ligada a esses poderes.

O prelado Oetinger escreveu assim sobre Swedenborg: "Que Swedenborg tem tido conhecimento de ocorrências, está amplamente corroborado por fatos bastante comprovados; recusa-se porém a usá-los com o intuito de dar credibilidade aos seus escritos". Mesmo quando instado por pessoas interessadas em saber a respeito de parentes e amigos mortos, entre as quais estavam até membros da Casa Real, ele gentilmente refutava esses pedidos, salvo se houvesse um razão que os justificasse. O Reverendo Nicholas Collin implorou-lhe o grande favor de entrar em contato com um irmão dele, falecido há alguns meses. Collin conta que Swedenborg lhe respondeu assim: "Deus houve por bem e sábio separar o mundo dos espíritos do nosso. Portanto, qualquer contato com o outro mundo não se faz possível sem fortes justificativas. E em seguida indagou-me sobre meus motivos. Confessei-lhe que não tinha nenhum motivo especial, mas apenas procurava satisfazer minha afeição fraternal e a curiosidade de explorar um mundo sublime e interessante para a mente séria. Ele, então, retrucou que meus motivos eram insuficientes. Se o pedido envolvesse assunto espiritualmente importante, ele o submeteria aos anjos que regulam essa matéria". O Reverendo Collin deve ter entendido mal a resposta de Swedenborg referir-se aos anjos, pois este ensina que todos os assuntos espirituais estão sob o controle exclusivo do Senhor e não de anjos ou espíritos.

"Apesar dessa relutância de Swedenborg em exibir as faculdades paranormais, há grande número de revelações feitas por várias pessoas de suas relações. Por mais fantásticas que possam ter sido essas revelações, Swedenborg nunca as considerou milagrosas, mas simplesmente a comprovação de sua interação com o mundo espiritual. Em carta a Venator, Swedenborg escreveu: "Esses

episódios não devem ser vistos como coisa milagrosa, pois são meros testemunhos de que eu foi introduzido pelo Senhor no mundo espiritual. Lá tive oportunidade de conviver e conversar com anjos e espíritos; e minha experiência serve para provar à Igreja, que insiste em ignorar o outro mundo, que o céu e o inferno realmente existem; e, depois da morte, o homem vive como homem, tal como na vida terrena e, assim, nenhuma dúvida pode ocorrer em sua mente sobre a sua imortalidade". Ao sustentar a veracidade dessas ocorrências a Cuno, "ele não se delongou muito em explicações, enfatizando que há milhares dessas histórias; e que não lhe parecia importante tecer muitas considerações sobre esses fatos. Aduziu, ainda, que todas essas coisas não deviam empanar o verdadeiro objetivo de sua missão".

"Se nos alongássemos muito sobre essas extraordinárias ocorrências, estaríamos desrespeitando o desejo do nosso biografado. Entretanto, temos que considerar os fatos relatados a seguir como irrefutáveis provas de sua vidência.

"Jung-Stilling afirma que "há três histórias que certamente comprovam que Swedenborg tinha efetivamente um inter-relacionamento com o outro mundo: a revelação à rainha Louisa Ulrica, da Suécia, de um segredo que ela e seu irmão, o príncipe Augustus Williams, da Prússia, já falecido, mantinham; a visão, a grande distância, do incêndio de Estocolmo; e a revelação à viúva de M. de Marteville, ex-embaixador da Holanda em Estocolmo, do local onde seu marido tinha guardado um documento de suma importância. Essas histórias foram contadas por várias testemunhas, com algumas variações, como de costume, sem, contudo, comprometer sua autenticidade. O episódio que envolve a rainha Louisa Ulrica é, obviamente, o que desperta maior curiosidade e, por esta razão, apresenta o maior número de versões. Sabe-se que, tanto na Suécia quanto no exterior, as versões variavam de acordo com o narrador. A seguir, temos a versão do conde Höpken.

"Certo dia Swedenborg estava numa recepção na corte e Sua Majestade a rainha Louisa Ulrica lhe perguntou sobre coisas do outro mundo e, finalmente, se tinha visto o irmão dela, o príncipe da Prússia, ou falado com ele. Swedenborg respondeu-lhe que não. Sua Majestade, então, pediu-lhe que tentasse encontrá-lo e lhe transmitisse suas afetuosas saudações. Swedenborg acedeu prontamente ao pedido. Tenho minhas dúvidas sobre a seriedade do pedido da rainha. Daí a uns dias, Swedenborg compareceu a outra recepção na corte e, quando a rainha estava no Salão Branco, Swedenborg aproximou-se dela. A rainha não se lembrava mais do pedido feito há menos de uma semana. Swedenborg, então, saudou Sua Majestade como se fosse seu irmão, o príncipe Augustus Williams, da Prússia, e lhe pediu desculpas por não ter respondido à sua última carta; e disse a rainha que o faria através de Swedenborg, o que, efetivamente, o fez. A rainha ficou atônita e exclamou; 'Ninguém, além de Deus, sabia desse segredo'. O segredo consistia em a rainha não desejar que viesse a público o fato de ela estar mantendo correspondência com a Prússia, então em guerra com a Suécia".

"Outra versão diz que a rainha quase desmaiou e que o Conde von Schwerin, ao vê-la tão aflita, censurou energicamente Swedenborg por sua conduta, ao mesmo tempo que o inquiria a respeito de seus estranhos poderes. O incidente teve grande repercussão e todos queriam saber os seus pormenores. C. F. Nordenskold diz que "a esposa do jardineiro de Swedenborg contava que, muito tempo depois desse incidente, carruagens paravam em frente à casa de Swedenborg e as pessoas mais importantes da corte lhe inquiriam sobre o episódio. Swedenborg, entretanto, fiel aos seus princípios, nada lhes dizia".

"Sobre o mesmo episódio, Jung-Stilling escreveu: "Essa ocorrência tem sido posta em dúvida em diversos pronunciamentos públicos, mas um renomado cidadão sueco, que jamais fora sequer amigo ou admirador de Swedenborg, me garantiu sua veracidade. E me forneceu provas pormenorizadas do episódio, as quais, infelizmente, não posso dar a conhecimento público, pois histórias envolvendo o mundo dos espíritos devem merecer a máxima discrição. Todavia, em Estocolmo, o episódio era amplamente conhecido".

"A narrativa mais minuciosa do incêndio de Estocolmo está contida numa carta de Immanuel Kant para Charlotte von Knobloch, datada de Königsberg, aos 10 de outubro de 1759 [ou depois], transcrita a seguir:

"Esta ocorrência parece ser a prova cabal dos poderes paranormais de Swedenborg. Às 4 horas da tarde de um sábado de setembro, do ano de 1759, Swedenborg chegou a Gotemburgo, vindo da Inglaterra e foi convidado à casa do Sr. William Castel, junto com mais quinze pessoas. Por volta das 18 horas, Swedenborg deu uma saída e, momentos depois, retornou à sala, pálido e visivelmente alarmado. E, em voz alta, disse a todos que, naquele exato momento, um grande incêndio irrompera em Estocolmo, no bairro de Södermalm (Gotemburgo distava 300 milhas inglesas de Estocolmo) e que o fogo se alastrava com muita rapidez. Swedenborg estava agitado e entrava e saía da sala. Disse que a casa de um de seus amigos, cujo nome declinou, estava em cinzas e que sua própria casa estava ameaçada pelo fogo. Às 20 horas, voltou à sala e exclamou exultante: 'Graças a Deus! O fogo foi extinto a 3 portas da minha casa'. O incidente causou forte impressão nas pessoas que o presenciaram e teve ampla repercussão na cidade. E chegou ao conhecimento do Governador naquela mesma noite. Na manhã do dia seguinte, domingo, o governador convocou Swedenborg ao palácio e quis saber todos os pormenores do sinistro. Swedenborg descreveu-lhe, minuciosamente, todo o incidente; como o incêndio tinha começado; quanto tempo tinha durado e como tinha sido extinto. Naquele mesmo dia o episódio se espalhou pela cidade e, com o endosso do governador, a notícia causou grande consternação. Todos lamentavam a sorte de amigos e parentes que poderiam ter sido atingidos pelo incêndio. Segunda-feira à noite chegou a Gotemburgo um mensageiro enviado pela Câmara de Comércio de Gotemburgo e que havia deixado a cidade durante o incêndio. As cartas trazidas por ele descreviam o sinistro tal qual Swedenborg o descrevera. Na manhã de terça-feira, chegou ao palácio do governador um mensageiro real trazendo o trágico relato do incêndio. Tudo coincidia, exatamente, com a descrição de Swedenborg; o fogo tinha sido, efetivamente, debelado às vinte horas do domingo".

."Dentre as muitas versões do caso de Madame Marteville, reproduzidas pelo Dr. R. L. Tafel em seu livro Documents, selecionamos novamente a que foi contada por Kant a Charlotte von Knobloch, baseada em informações que ele (Kant) recebera de um amigo a quem incumbira de investigar o episódio in loco.

"A senhora Marteville, viúva do embaixador da Holanda em Estocolmo, tempos depois da morte de seu marido, foi procurada por Croon, um joalheiro, a respeito de uma dívida do extinto com ele. A viúva não podia acreditar que seu marido, um homem de hábitos conservadores, pudesse ter deixado alguma dívida por saldar. Mas, por mais que procurasse, não conseguiu encontrar o recibo correspondente. Como a quantia era bem alta, ela decidiu convidar Swedenborg à sua casa. Depois de pedir-lhe desculpas por importuná-lo, pediu-lhe que, se realmente possuísse poderes paranormais, como se dizia, talvez pudesse perguntar ao seu marido onde tinha guardado o tal recibo. Swedenborg acedeu, prontamente, ao pedido. Daí a três dias, Swedenborg voltou à casa da senhora Marteville e, em tom calmo e pausado, contou-lhe que havia conversado com seu marido e este lhe dissera que a dívida em causa tinha sido paga, uns sete meses antes de sua morte e o recibo estava guardado num compartimento de sua escrivaninha. A viúva retrucou que a escrivaninha tinha sido totalmente revistada e o recibo não fora encontrado entre os documentos. Swedenborg, então, lhe disse que, ao se abrir a gaveta esquerda da escrivaninha até o fim, um fundo falso revelaria um compartimento secreto onde estavam guardados seus papéis pessoais e o tal recibo. Após ouvir atentamente as instruções de Swedenborg, a viúva e alguns dos presentes rumaram para a sala onde estava a escrivaninha. Lá chegando, abriram-na, conforme as instruções de Swedenborg e lá estavam os documentos pessoais do extinto e o recibo em questão.

"O interesse de Kant por esses casos surgiu através de sua amizade com a senhora von Knobloch, que pediu sua opinião a respeito da vidência de Swedenborg. Para atender o pedido da amiga, Kant procedeu a diversas investigações sobre as ocorrências vivenciadas por Swedenborg. Os resultados desse inquérito estão relatados na carta supramencionada. O original dessa carta está reproduzido

no livro *Life of Kant*, de autoria de Borowsky, publicado em Königsberg, em 1804, e, em sua versão inglesa, aparece às páginas 625/636 do segundo volume do livro *Documents*, de autoria do Dr. R. L. Tafel.

"Embora confirmasse cabalmente todas essas histórias, Kant se resguardava das insinuações de ingenuidade, dizendo:

"Ninguém poderá acusar-me de ter tendência a devaneios ou credices infundadas ou de excessiva credulidade. E, embora de longa data tivesse conhecimento de fatos ligados a aparições e visões do mundo dos espíritos, sempre achei que era mais lógico e racional negar-lhes autenticidade. Mantive essa postura até tomar conhecimento dos casos vivenciados por Swedenborg. Tomei conhecimento desses fatos, através do relato de um oficial dinamarquês, amigo meu, que costumava comparecer assiduamente às minhas conferências. Ele me contou sobre uma carta escrita pelo embaixador da Áustria em Estocolmo, Barão de Lutzow, ao seu colega, Dirtrichstein, embaixador da Áustria em Copenhague. Na carta, o Barão de Lutzow contava que presenciara, na companhia do embaixador da Holanda em Estocolmo, o episódio envolvendo sua Majestade, a rainha Ulrica da Suécia. Esse testemunho convenceu-me, de vez, a investigar pessoalmente todos os fatos vivenciados por Swedenborg. Afinal de contas, não me parecia possível que um embaixador transmitisse a um colega informações infundadas sobre a Rainha da Corte junto a qual estava acreditado e, ainda por cima, desse testemunho inequívoco de sua veracidade. E, então, despido de todos os preconceitos sobre aparições e visões do outro mundo, decidi informar-me sobre todos os detalhes desses casos.

"Incontinentemente, escrevi ao meu amigo, oficial dinamarquês, e lhe inquirei, novamente, sobre o episódio da carta do Barão de Lutzow. Respondeu-me que se tinha avistado novamente com o Conde Dirtrichstein, que lhe confirmou que o caso da rainha Ulrica tinha acontecido exatamente como era do conhecimento público, aduzindo que o Professor Schlegel também declarara a ele que a veracidade do caso não poderia ser posta em dúvida.

"Como todos esses testemunhos ainda não fossem suficientes para saciar sua curiosidade, Kant incumbiu um amigo, inglês, que estava de partida para Estocolmo, de fazer novas investigações sobre Swedenborg. Antes mesmo de conseguir se entrevistar com Swedenborg, poucos dias após sua chegada a Estocolmo, o amigo lhe escreveu a seguinte nota: "As pessoas mais respeitáveis de Estocolmo me asseguram que o episódio envolvendo Swedenborg e a rainha Ulrica aconteceu exatamente como fora amplamente divulgado". Após se tornar amigo de Swedenborg, a quem visitava freqüentemente, o tom de suas cartas passou de uma certa incredulidade a um indisfarçável espanto diante dos fatos. "Swedenborg é um homem generoso, razoável e muito educado; é, também, homem muito culto. Ele me revelou que Deus lhe tinha dado o extraordinário poder de se comunicar com os espíritos, a qualquer tempo. Como prova disso, citou os casos mais conhecidos". Depois de muitas investigações sobre Swedenborg, Kant se referiu aos episódios do incêndio em Estocolmo e ao caso do recibo de Madame Marteville, assim: "Quem poderia, em sã consciência, duvidar da veracidade desses fatos?" E, invocando o testemunho de seu amigo, que fora por ele incumbido de investigar todos esses episódios em Estocolmo e Gotemburgo e das inúmeras testemunhas ainda vivas, Kant concluiu que as três histórias acima pormenorizadas não podiam ter sua autenticidade refutada. Mas, além desses casos mais difundidos, há inúmeros outros episódios igualmente interessantes e dignos de serem incluídos nesta biografia. Um dos mais notáveis é o de John Wesley, que está reproduzido, integralmente em carta do Sr. John Isaac Hawkins, engenheiro e inventor dos mais conhecidos, ao Reverendo Samuel Noble, datada de 6 de fevereiro de 1826, transcrita parcialmente abaixo.

"Em resposta à sua carta sobre o caso Wesley, posso afirmar-lhe que, em diversas ocasiões, por volta de 1787 ou 1788, ouvi o Reverendo Samuel Smith, um dos colaboradores do Reverendo Wesley, contar que estava trabalhando com o referido Reverendo na organização de sua cruzada anual, quando este recebeu uma carta que o deixou atônito. Refeito do susto, o Reverendo leu aos presentes a carta escrita mais ou menos nos seguintes termos:

"Great Bath Street, Cold Bath Fields, Fevereiro [?] de 1772.

"Prezado Sr. , fui informado, no mundo dos espíritos, que o senhor desejava ardentemente conversar comigo. Terei prazer de receber sua visita. Sou, de Vossa Senhoria, humilde servidor.

"(as.) Emanuel Swedenborg.

"O Sr. Wesley confessou aos presentes que realmente estava desejoso de conhecer Swedenborg e conversar com ele, mas que nunca revelara esse desejo a ninguém. Respondendo a Swedenborg, o Reverendo Wesley disse-lhe que estava em véspera de iniciar uma viagem de seis meses e que voltaria a entrar em contato com ele assim que retornasse a Londres.

"O Sr. Smith disse-me, então, que soube que Swedenborg respondeu à carta do Reverendo Wesley, dizendo-lhe que a visita seria impossível, pois então, ele, Swedenborg, já teria entrado no mundo dos espíritos, a 29 do mês seguinte, para nunca mais voltar.

"O Dr. Tafel, em seu livro Documents Concerning Swedenborg apresenta testemunhos irrefutáveis sobre a veracidade desse caso".

(Do livro: Swedenborg, Vida e Ensinamentos, George L. Trobridge, S.R.N.J, Rio, 1999)

Eventos como esses eram comuns na vida de Swedenborg e serviam para espalhar sua fama. Mas ele não se importava com a notoriedade. De fato, achava que um excessivo interesse com relação às faculdades de que fora dotado poderia desviar o foco de atenção da finalidade real de seus Escritos.

Escolhido para descrever a natureza do espírito, Swedenborg foi levado pessoalmente a ter experiências tão inusitadas e diversas, que até hoje o homem comum sequer tem noção de que existem. Da obra acima citada, "O Céu e o Inferno", tiraremos alguns exemplos:

1º)- o estado constante em que viveu, por 28 anos, numa experiência única até então e, ao que se sabe, até hoje, de se manter consciente nos dois planos da existência ao mesmo tempo em pleno estado de vigília, no qual ouvia homens e espíritos e falava com uns e outros;

b)- a experiência de ser conduzido quanto ao espírito, dentro do plano natural, para outros lugares e cidades, como a experiência testificada do incêndio de Estocolmo;

c)- de ser conduzido quanto ao espírito, ainda dentro do plano natural, para outros planetas habitados no universo e falar com os habitantes dali;

d)- de ser conduzido quanto ao espírito para fora do plano natural, às dimensões espirituais superiores e inferiores, chamadas céus e infernos;

e)- e, ainda, a experiência rara de ser fisicamente transportado para outro lugar sem que se tenha noção disso, pois a consciência fica no plano espiritual. Este estado foi experimentado por alguns dos profetas bíblicos, do qual diziam terem "sido levados pelo Espírito" para outro lugar. Sobre isto, Swedenborg escreveu: "enquanto dura esse estado, não se reflete de modo algum sobre o caminho, mesmo quando ele fosse de muitas milhas; não se reflete também sobre o tempo, mesmo quando ele fosse de muitas horas ou de muitos dias; e não se experimenta fadiga alguma; então é-se também conduzido, por caminhos que nós mesmos ignoramos, até ao lugar designado, sem enganos" (CI 441).

f)- e, finalmente, a chamada experiência de quase morte em que foi deliberadamente introduzido a fim de descrevê-la, retendo, no entanto, plena consciência. Dedicou um capítulo inteiro de "O Céu e o Inferno" para descrever as etapas do processo porque passa o espírito humano na morte e em sua ressurreição ou entrada na vida eterna (CI 445-452).

Ao descrever todas essas experiências e expor os ensinamentos daí alcançados, Swedenborg se porta de forma categórica; seu estilo é positivo e direto, sem explicações vagas ou incertezas. Não deixa dúvidas quanto ao caráter da Pessoa Divina, a quem chama o Divino Humano, o Senhor Deus Jesus Cristo. Usa a terminologia mais simples possível para descrever as coisas espirituais. Por exemplo, chama de anjos os seres espirituais elevados, e espíritos demoníacos aqueles que atentam contra o bem-estar do ser humano. Chama de céus as regiões espirituais onde o homem se realiza na prestação de usos, que é a felicidade mesma, e infernos onde o espírito se inflama em cobiças e se vê frustrado por não mais conseguir realizá-las. Se essa terminologia é emprestada da religião, é porque a abertura dos planos espirituais só se tornou possível mediante a instrução que a religião recebem como revelação.

Falando das experiências de Swedenborg, não seria justo deixar de mencionar que, quando as descreveu em suas numerosas obras, o objetivo que ele que elas não fossem vistas como fins em si mesmas, mas como meios de se alcançar, por meio delas, a sabedoria de um modo de vida mais humano e, assim, mais celeste. Como ele repetiu centenas de vezes em todos os seus trabalhos, tais coisas foram descritas para que, como disse no prefácio de seu "Céu e Inferno" "a ignorância possa ser assim esclarecida e que a incredulidade possa ser dissipada. Se hoje é concedida uma tal revelação imediata, é porque ela é o que é significado pela Vinda do Senhor" (CI 1).

Em outras palavras: as revelações em sua obra, que para nós parecem espantosas, para ele apenas conduziam a um fim: a abertura para a raça humana de uma fonte de conhecimento das verdades acerca da existência espiritual. Essas verdades, que tinham sido conhecidas pelos antiquíssimos da Idade de Ouro e de Prata, se perderam depois pelos enganos e pelo mero materialismo. Mas agora, como a raça humana chegava a um certo amadurecimento intelectual, fazia-se necessário abrir outras portas, de acordo com o que o Senhor Jesus havia dito aos Seus primeiros discípulos: "Ainda tenho muitas coisas que vos dizer, mas vós não podeis suportá-las agora". Chegava o tempo em que Ele iria podia voltar novamente, agora como o Espírito da Verdade, revelar-Se no sentido espiritual das Escrituras e guiar-nos ao conhecimento de toda verdade, verdades para uma nova era da raça humana, um novo conceito de vida e de amor ao próximo.

Os ensinamentos de Swedenborg dão assim, novos conceitos acerca de Deus, da existência humana, da vida do espírito, e tudo mais. Por se haver adiantado e distanciado em muito do pensamento religioso de seu tempo (e, na verdade, ao pensamento de hoje), as obras de Swedenborg sofreram - e ainda sofrem - censura e discriminação, de um lado, por parte dos pseudo-cientistas, que, por não entenderem, não admitem a hipótese da harmonia ou fusão do conhecimento científico com o da revelação divina de um Deus infinitamente Humano, sábio e amoroso. Por outro lado, da parte dos líderes tradicionais cristãos, por terem receio da abertura dos mistérios da fé, talvez porque sabem que assim perderão o pretenso monopólio das verdades espirituais. A teologia exposta por Swedenborg juntamente com o relato das experiências tão vivas no plano espiritual desconcertam muitos religiosos, os que, teoricamente, mais deviam saber sobre o espírito e a vida após a morte, pois que estas coisas foram dadas muitos desses indivíduos, sentindo-se ameaçados, reajam contra essa nova abertura da revelação e, especialmente, contra o autor, fazendo circular boatos difamadores a respeito de sua sanidade. Em decorrência disso, também a sua reputação anterior de grande cientista e filósofo ficou comprometida.

Swedenborg foi um dos homens mais notáveis de toda a História. Nascido na Suécia, era filho de Sarah e Jesper Swedberg, um pastor Luterano e capelão real que foi, mais tarde, Bispo de Skara. Formou-se em Engenharia de Minas e serviu ao seu país durante muitos anos como Assessor Real para assuntos de mineração. Após a morte do pai, sua família foi elevada à nobreza pela Rainha Ulrica, pelos méritos do Bispo Swedberg. O sobrenome familiar foi então mudado para swedenborg e, assim, Emanuel, como filho mais velho, passou a ter lugar no Parlamento sueco, onde teve destacado papel durante muitos anos.

Foi catedrático de Matemática na Universidade de Uppsala, ao mesmo tempo que pesquisava a fundo áreas tão distintas quanto anatomia e geologia, astronomia e hidráulica. Quando dominava o

assunto, publicava obras sobre suas conclusões, obtendo o respeito de outros especialistas e autores das diversas áreas. Vários conceitos emitidos por Swedenborg, nesses estudos, são considerados como pioneiros. Em razão dessas realizações, Swedenborg passou a ser considerado um dos heróis nacionais na Suécia, razão porque seu retrato se encontra no hall da Academia de Ciências daquele país e seu túmulo entre os de reis suecos, numa catedral de Estocolmo.

Famoso pelas suas obras e rico por herança materna, esse homem dominou praticamente todas as ciências de seu tempo, até que, aos 56 anos, relata que um fato espantoso mudou sua vida. Afirma que foi designado pelo Senhor, que a Ele apareceu em 1744, para a missão de ser o porta-voz da revelação do sentido interno ou espiritual da Bíblia, até então oculto. Ao ser revelado esse sentido, também foram abertos os segredos do "o Céu, e as Suas maravilhas, e o Inferno", como descreveu, e tornou-se, também, testemunha ocular dos eventos que constituíram o Juízo Final. Mais tarde, Swedenborg reconheceu que foi, aliás, por causa dessa missão espiritual que ele fora preparado pelo Senhor desde a infância, e progrediu nos conhecimentos naturais sem nunca olvidar a fé no Criador. Os Escritos admiráveis que foram publicados a partir desse período têm influenciado mentes de homens, mulheres e crianças, tanto pessoas humildes quanto da realeza, anônimos ou ilustres famosos, como Carlyle, Ralph Waldo Emerson, Baudelaire, Balzac, William Blake, Helen Keller e Jorge Luis Borges. No entanto, esses mesmos Escritos teológicos e espirituais são motivo para que se façam julgamentos parciais e de interesses, lançando dúvida sobre a sanidade mental do autor e sua reputação científica anterior. Por causa de sua teologia, Swedenborg sofreu censura e forte perseguição por parte de religiosos cristãos em seu país, onde seus livros foram proibidos. De fato, a doutrina por ele exposta abala as bases da crença tradicional do cristianismo, a saber, em um Deus dividido em três pessoas, num sacrifício sanguíneo de uma pessoa (o Filho), para aplacar a ira da outra pessoa (o Pai).

Por confrontarem à teologia cristã atual, suas obras foram tidas como heréticas, embora todas as suas proposições doutrinárias estejam farta e firmemente confirmadas pelos textos do Antigo e Novo Testamentos da Bíblia. Do princípio ao fim, do primeiro ao último de seus Escritos, Swedenborg não faz outra coisa senão revelar e exaltar o caráter Divino do Senhor Jesus Cristo, sendo ali revelado como o próprio Deus que "Se fez carne e habitou entre nós". Esse caráter Divino de Jesus nunca foi tão claramente exposto nem defendido em nenhum outro tratado teológico até hoje. Mas ele estava bem ciente da dificuldade com que seus Escritos seriam aceitos, pois escreveu: "Prevejo que muitos dos que lerem as explicações que se seguem e as descrições, no final dos capítulos, das coisas por mim presenciadas no mundo espiritual, suporão que se trata de pura imaginação. Asseguro, porém, que não foram por mim inventadas, mas existiram em realidade e foram vistas em estado de completa vigília. E isto porque approve ao Senhor manifestar-Se a mim e fazer de mim Seu instrumento no ensino da doutrina da nova igreja. Assim, foram-me abertos os interiores da mente e do espírito, o que me permitiu estar simultaneamente em contato com os anjos no mundo espiritual e com os homens no mundo natural, e isto durante anos".

E, quando se dirigiu ao Rei da Suécia, afirmou solenemente: "Que nosso Salvador Se revelou a mim visivelmente e me mandou fazer o que tenho' feito e ainda tenho de fazer, e que me permitiu comunicar-me com anjos e espíritos, eu o tenho declarado a toda a cristandade, tanto na Inglaterra, Holanda, Alemanha e Dinamarca, como na França e Espanha, e também neste país, em várias ocasiões, diante de Vossas Majestades Reais, e especialmente quando fui honrado em me assentar à mesa da família real, diante da qual e de cinco senadores minha missão foi o único assunto da conversa. Mais tarde, expus o mesmo assunto diante de cinco senadores. Entre eles, os condes Tessin, Bonde e Hopkin julgaram que assim é, em verdade. Além dessas, muitas outras pessoas, tanto do país como do estrangeiro, entre as quais se encontram reis e príncipes, têm tido conhecimento de minha missão. Apesar de tudo isso, o Ministério da Justiça declara que esses fatos são falsos, quando não o são. Se dissessem que tais fenômenos são incompreensíveis, nada teria eu a replicar, uma vez que não posso convencer os outros da minha capacidade de ver e ouvir aquilo que eles não vêem e ouvem. Também não posso fazer com que os anjos e espíritos conversem com eles: o tempo dos milagres já passou. Com sua própria inteligência, entretanto, poderão examinar o assunto e preparar-se para compreender esses fenômenos, ao lerem e meditarem sobre meus escritos, nos quais se descrevem muitas coisas sobre as quais jamais alguém escreveu e não

poderiam ser descobertas senão por visões ou por comunicação com aqueles que estão no mundo espiritual. Para compreender isto, basta que seja examinado o que foi dito relativamente ao assunto no meu livro sobre o Amor Conjugal. Se restar, ainda, alguma dúvida, estou pronto para testificar, com o juramento mais solene que se me possa prescrever, que o que acabo de dizer é inteiramente verdadeiro e real, sem o menor exagero. Isto me foi permitido experimentar por nosso Salvador, não por meu merecimento, mas por amor a todos os cristãos. Sendo isso o que tem ocorrido de verdadeiro, mal é que o declarem inexato e falso, embora possam alegar que se trate de algo incompreensível" (Tafel, Documentos Sobre Swedenborg).

"O simples testemunho que dê não basta, porém, nos dias de hoje, para convencer os homens daquele fato. Qualquer pessoa, porém, de entendimento são, pode chegar a uma conclusão afirmativa pelo testemunho de meus escritos, especialmente do "Apocalipse Revelado". Quem teve informações precisas, até agora, do sentido espiritual da Palavra, do mundo espiritual, do céu, do inferno e da vida do homem depois da morte? Deveriam estas e muitas outras coisas permanecer perpetuamente ocultas aos cristãos? Pela primeira vez foram elas mostradas por amor de uma nova igreja, que é a Nova Jerusalém, não somente para que seus membros meditem sobre elas, mas também para que cheguem ao conhecimento dos incrédulos de boa vontade e possam convencê-los da verdade." (Documentos Sobre Swedenborg).

Em toda a sua obra Swedenborg se define "apenas como um instrumento". Um homem famoso, reputado como sábio, certamente tinha uma boa dose de vaidade intelectual. Mas, como tinha a crença em Deus e a consciência dos valores espirituais, à medida que entrava na pesquisa do reino da alma, compreendia, cada vez mais claramente, que era indispensável admitir a existência da Mente Divina criadora e mantenedora das ordens e leis que ia desvendando.

Foi necessário que se despojasse de toda a vontade própria e das idéias preconcebidas, antes de se tornar um instrumento adequado para o trabalho que lhe seria incumbido. Sua consciência da liderança Divina ficou mais forte com o passar do tempo. Apesar de toda a ciência que sua mente acumulara, começou a perceber que tudo o que sabia era como nada diante do que havia à sua frente. Ou antes, que uma preparação estava em curso. No ano de 1743, durante uma de suas viagens, Swedenborg escreveu, na noite de 12 a 13 de outubro [1743], escreveu: "Descobri que estou em tal estado que não sei nada sobre a religião". E, no dia anterior, escreveu: "Não tenho nenhum conhecimento de religião; perdi-o por completo".

Por essa época, seus sonhos e visões eram, freqüentemente, seguidos de violentos tremores, prostração, transes, suores e, pelo menos numa ocasião, vertigem. Durante esses episódios, Swedenborg imergia em um sono sobrenatural, por períodos de dez a treze horas. Seu sistema nervoso estava, indubitavelmente, extenuado com toda essa pressão, já que durante o dia continuava se dedicando ao trabalho literário; e a Natureza exercia sua demanda. Podemos compreender porque freqüentemente passava por seus amigos na rua e sequer percebia seus cumprimentos.

Um crítico há de dizer que tais coisas são comuns a todos os entusiastas. No entanto, Swedenborg era justamente o inverso do entusiasta. E há aspectos de seu caso que diferem totalmente dessas experiências corriqueiras. Ao contrário do que geralmente ocorre nos extremos de transe ou de excitação religiosa, Swedenborg estava constantemente observando e estudando suas próprias experiências com olhos de cientista. Sabia perfeitamente que as pessoas eram levadas, pela emoção, a imaginar toda sorte de coisas e estava sempre precavido contra essas extravagâncias. Na noite de 6 para 7 de outubro, escreve: Os seres humanos podem ser facilmente desencaminhados por outros tipos de espíritos (por exemplo, espíritos malignos) que se apresentam aos homens segundo a qualidade do amor de cada um. Sobre uma de suas visões, escreveu: Nosso Senhor sabe melhor o que tudo isso significa. E continuando: Deus não permite que eu me equivoque sobre isso; acredito que não me equivocarei. Após uma noite de sonhos horríveis e tremores do corpo, escreve: Comecei a questionar se tudo isso não passava de mera fantasia. Parece evidente, portanto, que não estava sendo levado por sua imaginação.

O caso de Swedenborg é realmente único. Pode-se admitir que um ignorante, um fanático ou um débil mental confundam alucinações com a realidade; mas não um homem normal, um matemático e adepto da lógica, devoto das ciências naturais. Tampouco pode-se atribuir o ocorrido com Swedenborg a uma súbita "conversão". E não há nenhum indício de enfraquecimento das faculdades mentais ou doença mental, pois na época em que esses fenômenos ocorriam, Swedenborg estava trabalhando na publicação e editoração de seus trabalhos filosóficos que foram reconhecidos pelos mais notáveis intelectuais de nosso tempo, como sendo o produto de admirável capacidade mental; note-se, ainda, que continuou a escrever e publicar seus trabalhos durante quase trinta anos, com uma integridade e consistência que levaram os estudiosos que os examinaram a concluir que extrapolavam os limites da sabedoria de um mortal. A explicação mais plausível parece ser a do próprio Swedenborg.

Na época em que pesquisava a sede da alma no corpo, os indícios de sua transformação se faziam cada vez mais aparentes, principalmente no tocante à natureza e à unidade de Deus e da suprema Divindade de Jesus Cristo. Em um dos primeiros registros de seu diário, lê-se: Somente a Cristo, em quem reside a totalidade de Deus, devemos dirigir nossas preces. Ele é onipotente e o único Mediador. E uma oração citada acima foi novamente posta em sua boca: "Oh! Jesus Cristo, Todo poderoso".

A essa época, porém, ele ainda não tinha idéia da missão para a qual seria convocado, embora algumas passagens indiquem que tinha algumas premonições dela. Na noite de 21 para 22 de abril, escreve: Como eu parecia tão distante de Deus e não podia pensar n'Ele de maneira suficientemente clara, cheguei a me perguntar se não seria melhor retornar à casa. No entanto, criei coragem e percebi que eu tinha vindo à Holanda para fazer aquilo que é o melhor de tudo e que eu tinha recebido o talento para propagar a glória de Deus; que o Espírito está comigo desde minha infância com esse propósito; portanto, eu seria indigno da vida se me afastasse do caminho traçado. Então, comecei a rir das seduções de riqueza, luxo e honrarias que tanto perseguira.

Esse admirável diário termina com o registro da noite de 26 para 27 de outubro; mas temos testemunhos de experiências posteriores em outros documentos. O mais importante desses é o depoimento de Carl Robsahm, sobre o relato do próprio Swedenborg a respeito da aparição do Senhor a ele, em abril de 1745. Não vemos necessidade de nos alongarmos em detalhes constantes de biografias anteriores; mas a parte final do depoimento é importante, pois marca o início da transformação da vida de Swedenborg. Essa experiência certamente irá determinar o caráter de seus anos vindouros. Um homem lhe apareceu numa hospedaria logo após o jantar; ficou visivelmente alarmado com a súbita aparição. Segundo Robsahm, o relato de Swedenborg pode ser resumido assim:

Fui para casa e durante a noite o mesmo homem revelou-Se a mim novamente; desta vez não tive medo. Ele então me disse que era o Senhor Deus, o Criador do mundo, o Redentor; e que tinha me escolhido para explicar aos homens o sentido espiritual da Escritura, e que Ele próprio iria explicar-me o que eu deveria escrever sobre esse assunto. Naquela mesma noite me foram revelados, para que eu ficasse plenamente convencido de sua realidade, o mundo dos espíritos, o céu e o inferno, e reconheci em cada um desses lugares todas as situações da vida. A partir daquele dia eu abandonei todos os estudos de ciências mundanas e me dediquei às coisas do espírito, sobre as quais o Senhor me ordenou escrever. Daí por diante o Senhor abriu, diariamente, os olhos do meu espírito, de modo a que eu pudesse ver, em pleno dia, o outro mundo e, num estado de perfeita vigília, conversar com anjos e espíritos.

Um depoimento realmente notável, feito de modo claro e simples, sem qualquer traço de misticismo ou fanatismo. Para saber se Swedenborg foi realmente favorecido, basta consultarmos seus trabalhos, que são a única resposta satisfatória a essa pergunta.

Na obra intitulada "A Verdadeira Religião Cristã (760 [740])", Swedenborg escreve o seguinte: "A Segunda Vinda do Senhor se efetua por intermédio de um homem diante de quem o Senhor Se manifestou em pessoa e a quem encheu com seu espírito para ensinar de si mesmo as doutrinas da nova igreja confinadas na Palavra.

"Visto que o Senhor não pode manifestar-se outra vez em pessoa, apesar de ter profetizado que viria estabelecer uma Nova Igreja, a qual é a Nova Jerusalém, segue-se que essa manifestação será efetuada por intermédio de um homem que possa, não somente receber as doutrinas dessa Igreja em seu entendimento, mas também fazer sua propaganda pela imprensa. Que o Senhor se manifestou a mim, seu servo, e me encarregou desta missão, e depois abriu a vista de meu espírito, introduziu-me no Mundo Espiritual, permitiu-me ver os céus e os infernos e falar com os anjos e os espíritos, e isto continuamente durante muitos anos até o presente (1771), eu testifico como verdade; testifico igualmente que, desde o primeiro dia de meu chamado a esta missão (1743), jamais recebi coisa alguma concernente às doutrinas desta Igreja por intermédio de qualquer anjo, mas tão somente do Senhor, enquanto eu lia a Palavra. Para que pudesse estar sempre presente, revelou-me o Senhor o sentido espiritual de Sua Palavra, no qual o Divino Vero está em sua luz".

Swedenborg era já ancião venerável, com mais de sessenta anos, quando, pela primeira vez, declarou ao mundo que havia sido chamado para sua missão religiosa. Sob o ponto de vista do interesse material, teria ele, desde então, muito que perder e nada que ganhar. Embora não houvesse, na Suécia, quem fosse mais respeitado e admirado pela sua ciência, nem quem tivesse integridade de caráter menos exposta a dúvidas, compreendeu Swedenborg que a maior parte do mundo céptico tomaria sua afirmação por absurda e não se dignaria de levá-la a sério, pondo-a de lado, sem qualquer exame.

Numa conversa com Carl Robsahm, muitos anos mais tarde, comentou: "De minha parte nunca suspeitei que iria atingir o estado espiritual em que estou agora; mas o Senhor me escolheu para essa tarefa de revelar o significado espiritual das Sagradas Escrituras, conforme Ele havia prometido nos Profetas e no livro do Apocalipse. Até então, tinha-me dedicado a explorar a natureza, a química e as ciências da mineração e da anatomia".

Ele escreveu sua obra teológica sem esperar recompensa por ela e despendeu grandes importâncias de seu bolso sem esperança de reavê-las. Só teve despesas, e os lucros que, porventura, resultaram dessa obra foram distribuídos como contribuição para estender o conhecimento da Bíblia, de acordo com sua determinação. Não procurou discípulos, nem fez tentativa de organizar qualquer Igreja, tendo vaticinado, entretanto, que, com base nos seus escritos, uma Igreja se haveria de estabelecer.

É óbvio que tais considerações não serão suficientes para convencer alguém de que é verdade o que Swedenborg escreveu, mas devem constituir razão bastante para que se façam investigações e estudos sérios sobre as obras referidas.